

**Carlos Nogueira, *O Essencial sobre o Cancioneiro Narrativo Tradicional***, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003, 96 páginas

Maria Aliete Galhoz\*

Nesta colecção de divulgação, de pequeno formato (*in 16<sup>o</sup>*) e limite médio de cem páginas, tem a Imprensa Nacional - Casa da Moeda lançado importante e prestigiada informação literário / cultural sob o título de série *O Essencial sobre*, a que se segue o título particular — como se vê na obra que vamos aqui referenciar, o lançamento nº 62 deste projecto editorial. Interessando a área da literatura tradicional de transmissão oral, há mais dois títulos: *O Essencial sobre o Romanceiro Tradicional Português*, de João David Pinto-Correia, e *O Essencial sobre Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, de Maria da Assunção Pinto-Correia, ambos saídos em 1986.

Esta série, mínima, das iniciativas da Imprensa Nacional - Casa da Moeda é uma deriva, parece-nos, do programa vivenciador lançado, no pós 25 de Abril de 1974, pelo projecto da “Biblioteca Breve” do Instituto de Cultura Portuguesa (da, então, Secretaria de Estado da Cultura): volumes de formato *in 8<sup>o</sup>*, não volumosos mas ascendendo a uma média de 130, ou mais, páginas. Na sua invulgar produção, no item “Série Literatura”, duas obras contemplam a área da literatura de transmissão oral, numa altura de repioneirismo na retoma de interesse por ela: trata-se de *Para a História da Literatura Popular Portuguesa*, por M. Viegas Guerreiro (1978, nº 19 da série), e *O Cancioneiro Popular em Portugal*, por Maria Arminda Zaluar Nunes (1978, nº 23).

É particularmente por esses mesmos anos setenta do século passado que dois âmbitos de projectos, com recolhas no terreno, acolheram, com particular felicidade, nos seus acervos, as menos prezadas cantigas narrativas, que são hoje matéria de crescente prospecção folclórica e exploração analítica. Refiro-me aos fundos recolhidos pelo Grupo de Estudos de Dialectologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, operando mais intensamente nos anos setenta e primeiros de oitenta do século passado, e a singular colheita do Serviço Cívico Estudantil, com o Projecto “Trabalho e Cultura”, sob a preparação gizada e impulsionada por M. Viegas Guerreiro e Michel Giacometti, em 1975.

As notas atrás carreadas são indicadores que ajudam a situar Carlos Nogueira (que historicamente pontua, nesta obra, as contribuições que reconhece fundadoras) numa pujante nova retoma, nesta área, de prospecção de terreno e tratamento dos dados obtidos com ferramentas renovadas e uma bagagem teórica já advinda de *curricula* institucionalizados nas especializações académicas das universidades.

Carlos Nogueira é docente no Ensino Superior e jovem investigador institucional (C. T. P. P.) na área das “artes da fala” e da cultura popular e está perfeitamente vocacionado para poder intentar a abordagem que faz n’ *O Essencial sobre o Cancioneiro Narrativo Tradicional*. Sem dúvida, este estudo (e antologia), tal como no-lo propõe, partindo de propostas teóricas de ponta nos estudos literários, representa um percurso de pioneirismo hermenêutico em relação a este subgénero da poesia tradicional, percurso já substancialmente atentado com outros contributos, sistematizados, no campo da literatura tradicional popular. De sua autoria, e referindo só publicações autónomas, apontam-se os seguintes títulos:

— *Literatura Oral em Verso. A Poesia em Baião*, Vila Nova de Gaia, Estratégias Criativas, 2002 [obra decorrente da sua dissertação de Mestrado, defendida em 1999, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto]

— *Cancioneiro Popular de Baião*, Baião, Cooperativa Cultural de Baião / Fonte de Mel, 2 vols., 1996 e 2002 [= *Bayam*, 4-5 (vol. I) e 7-10 (vol. II)]

— *Do Papel à Voz: As Papeladas ou o Teatro Popular em Valongo*, Lisboa, Apenas Livros, 2003 [opúsculo]

— *Literatura de Cordel Portuguesa: História, Teoria e Interpretação*, Lisboa, Apenas Livros, 2003 [opúsculo]

Tem actualmente em projecto um volume exclusivamente dedicado ao *Cancioneiro Narrativo: Estudo e “Corpus”*.

Característica de todos estes trabalhos de Carlos Nogueira é o oferecer, sempre, uma copiosa e forte complementação bibliográfica, quer citada propriamente, quer apoiante como utensilagem científica e pragmática genéricas. N’ *O Essencial sobre o Cancioneiro Narrativo Tradicional*, o autor dá-nos uma bibliografia de 46 entradas (pp. 91-94). Incidem as citações (no corpo do estudo, como

\* Centro de Tradições Populares Portuguesas “Prof. Manuel Viegas Guerreiro”. Faculdade de Letras. Alameda da Universidade. 1699 Lisboa codex. Portugal.

é óbvio) em aquelas obras que ajudam a caracterizar este subgénero (para Portugal particularmente as de Pere Ferré e as de João David Pinto-Correia) e as que contribuem com parâmetros classificatórios (para Portugal particularmente as de Pere Ferré, João David Pinto-Correia, Manuel da Costa Fontes e Maria Aliete Galhoz), que contribuem com parâmetros classificatórios, dizíamos, para o Autor, por sua vez, firmar e justificar o seu próprio esquema classificatório, sob o qual ordena, na antologia final (pp. 76-90) uma amostragem com dezassete textos repartidos pelos quinze *items* da sua opção taxinómica (inscrita na p. 47).

Vamos sintetizar as linhas mestras do que Carlos Nogueira aborda, e explica, no capítulo I do seu estudo, capítulo intitulado “A Cantiga Narrativa: Definição, Estrutura, Discurso, Classificação” (pp. 3-67). Refere-se, o que é básico, que, sendo as cantigas *narrativas*, advêm de uma “fábula”, ou de um “caso”, ou de um “evento”, tal como a maioria das ramas do romanceiro, sobretudo o chamado romanceiro vulgar. Releva-se ainda, como bem característico, que estas produções “apresenta[m] temas mais populares, vinculados ao quotidiano do povo das cidades e dos campos, como insucessos amorosos, crimes diversos, suicídios, desastres, acções de bandidos” (p. 12). Esta particular ocorrência do relato do “trágico” na fixação colectiva, tem seu sentido catártico, que o autor aponta no capítulo III, “Em Conclusão”, enunciando essa humana subterrânea busca por um discurso em que os textos,

nas suas micro-sequências reinventam temas e motivos extraídos do multimodo cosmos literário oral e escrito ou da contingência histórica; que popularizaram ou mesmo despoletam um património de parábolas e de mitos mínimos, através dos quais a imaginação individual-colectiva se pode recrear e exorcismar angústias do presente e inquietudes ancestrais (p. 74).

O capítulo II, “O Cancioneiro Narrativo Hoje” (pp. 68-71) é constituído por uma reflexão em que o Autor avaliza sobre o estado de colheita deste património na conjuntura vivencial actual, de movências e mudança, e abre pressupostos de revitalização por uma acção catalisadora consciente de relançamentos novos sobre sedimentos culturais absorvidos. Aqui não se apoia em citações de autoridades extrínsecas mas sim no que a sua experiência de trabalho no terreno (já com uma faixa de pesquisa de mais de uma década) e a sua experiência de docente e dinamizador ou participante em acções culturais académicas nesta área o levam a poder constatar através do seu universo mediatizador: o ensino e a aposta, necessária, da sua sementeira. Citamos:

É comum encontrarmos, [...] na cultura e no ensino oficiais, mecanismos que asseguram a permanência e transformação de espécies como as adivinhas, os contos, as cantigas e os romances tradicionais, por força de uma pragmática renovada. Ao valer-se cada vez mais de diversos géneros da literatura oral tradicional como instrumento pedagógico-didáctico, o ensino institucionalizado, com particular incidência na primeira infância, está a (re)produzir uma parte capital do folclore literário português, cujas repercussões no tecido sócio-humano poderão ser avaliadas dentro de alguns anos, depois de necessária maturação, através de inquéritos rigorosos e exaustivos (p. 70).

Do que se tem vindo indiculando sobre esta obra, torna-se claro que é uma muito informada abordagem a esta matéria, que ultrapassa a tão só apresentação da cantiga narrativa e é, em relação ao cancionero narrativo tradicional, o primeiro largo estudo a ele dedicado e situando-se num nível de especialização. O seu núcleo duro, o capítulo I, talvez pela força da sua importância fulcral, ressent-se dum certo excesso: há uma densidade expositiva e citativa muito cerrada e a leitura processa-se sem suficientes clareiras de respiração para a inteligência do lido. O horizonte dos leitores potenciais desta obra é o que se situa nos cursos universitários especificamente com cadeiras implicando estudo das “artes da fala” e, ainda, o das especializações de pós-graduação visando aplicação dos conhecimentos aí adquiridos ou ao ensino ou à investigação, ou à sua complementaridade. A pequena antologia, que exemplifica o estudo, pode dizer-se que consigna um pequeno acervo de textos a que chamaríamos, sem desrígido, o dos “clássicos” do cancionero narrativo tradicional”. Um livro de uso e de consulta, esta obra, e que nos leva a esperar com interesse, e atenção, o prometido volume, em curso, que reunirá os *corpora* portuguesas das cantigas narrativas num único *corpus* sistematizado e estudado.

Lisboa, Agosto de 2003

P.S. — Há um diálogo, da nossa parte, que, em alguns pontos, pede a referenciação que o Autor faz ao nosso trabalho de identificação, classificação e estudo dos espécimes presentes na nossa

edição do *Romanceiro Popular Português, II: Romances Religiosos e Orações Narrativas / Romances Vulgares e Cantigas Narrativas* (Lisboa, I. N. I. C., Centro de Estudos Geográficos, 1988). Apresentamo-lo-emos no próximo número de *Estudos de Literatura Oral*, sob a forma de nótulas que ofereceremos a Carlos Nogueira com amizade.